

O clima de "já ganhou" parece ter-se instalado definitivamente no PRN e na Coligação Brasil Novo (integrada também pelo PSC, pelo PRT e pelo PST). Confiante na força que demonstrou nas urnas em 15 de novembro e no próprio esquema armado para o segundo turno, o candidato Fernando Collor de Mello vem-se comportando como virtual presidente eleito: na quarta-feira, chegou a reunir-se com a sua assessora econômica Zélia Cardoso de Mello para detalhar as primeiras medidas que tomará após a sua posse.

Nos últimos dias, o PRN, através das suas principais lideranças, tem-se dado ao luxo de dispensar apoios publicamente, selecionado cuidadosamente aqueles com quem deseja caminhar até a eleição de 17 de dezembro, sempre com a preocupação de conferir ao candidato a imagem de um político social-democrata, moderno e sem compromisso com o poder econômico. Ontem, o assessor de imprensa Cláudio Humberto Rosa e Silva não teve dúvidas. Ao comentar aos números do Ibope que dão a Collor 50% das intenções de voto, contra 38% para Luiz Inácio Lula da Silva, pronunciou: "Lula beneficiou-se do fato de ter ficado em evidência durante uma semana, quando as atenções estavam voltadas para a disputa do segundo lugar. A vantagem de Collor vai aumentar muito mais".

**Arsenal** — O mesmo devem pensar, certamente, os cada vez mais numerosos frequentadores do comitê central da campanha de Collor, no Setor Comercial Sul. Por ali circulam diariamente senadores, deputados, prefeitos, candidatos a candidatos e, com alguma frequência, governadores (como Alberto Silva, do Piauí, ou Tarcísio Burty, da Paraíba). São geralmente políticos originários do PDS, do PFL ou do PMDB, que vêem no "caçador de marajás" vindo das Alagoas a certeza de uma vitória retumbante sobre Lula e o seu PT, aos quais são atribuídos predicados nada lisonjeiros: atrasado, radical, sectário, estreito e assim por diante.

Em seu favor, a legião dos "colloridos" tem uma campanha planejada e realizada com extremo profissionalismo e um apreciável arsenal de armadilhas para o adversário. O primeiro disparo foi dado por Collor na segunda-feira, em entrevista à Rede Brasil Sul. Acusou Lula de pregar a luta armada.

# Collor já se considera presidente

Ele estuda medidas  
para tomar logo  
após a posse e  
dispensa apoios  
publicamente para  
criar a imagem  
de social-democrata

Se ele ou os seus correligionários tentarem negar, terão diante de si uma página inteira da "Folha de S. Paulo" de 29 de dezembro de 1985, onde se lê a manchete "Lula admite a luta armada para garantir o poder". Assessores têm se encarregado também de colher farto material para subsidiar críticas às prefeituras administradas pelo PT. E não será surpresa se, no horário gratuito de Collor, Lula for apresentado como o candidato do presidente José Sarney. Absurdo? Outros dos inúmeros triunfos guardados é a notícia publicada esta semana pelo "Jornal do Brasil" na qual a família Sarney manifesta a decisão de descarregar no operário os seus votos maranhenses. Mas isso é só o começo.

